

Economia

7 • CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, sexta-feira, 4 de dezembro de 2020

Editor: Carlos Alexandre de Souza // carlosalexandre.df@dabr.com.br 3214-1148 / 1191 (Economia)

Bolsas Na quinta-feira São Paulo: 0,37% Nova York: 0,29%	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias 108.893 112.291 30/11 1º/12 2º/12 3º/12	Salário mínimo R\$ 1.045	Dólar Na quinta-feira R\$ 5,140 (▲ 1,94%) Últimas cotações (em R\$) 25/novembro 5,375 26/novembro 5,335 27/novembro 5,332 1º/dezembro 5,346 2/dezembro 5,228	Euro Comercial, venda na quinta-feira R\$ 6,443	Capital de giro Na quinta-feira 5,07%	CDB Prefixado 30 dias (ao ano) 1,92%	Inflação IPCA do IBGE (em %) Junho/2020 0,26 Julho/2020 0,36 Agosto/2020 0,24 Setembro/2020 0,64 Outubro/2020 0,84
--	---	---	---	---	---	--	---

CONJUNTURA / Alta do terceiro trimestre interrompe recessão, porém fica abaixo das previsões do próprio governo e não recupera as perdas da pandemia. Analistas veem recuperação desigual, mas, para ministro, retomada é robusta

PIB cresce 7,7%, mas frustra expectativas

» ROSANA HESSEL

O indicador da formação de riqueza do país, o Produto Interno Bruto (PIB), registrou alta de 7,7% no terceiro trimestre de 2020 em relação ao trimestre anterior, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados ontem. O resultado interrompeu a queda de dois trimestres consecutivos, que configurava quadro de recessão técnica, graças ao pacote de estímulos fiscais e monetários do governo, segundo os analistas ouvidos pelo Correio.



Paulo Guedes: polêmica sobre números e crítica a "negacionistas"

O avanço de 7,7% foi a maior variação trimestral do PIB desde o início da série histórica, em 1996. Contudo, veio abaixo das projeções do mercado — a mediana das expectativas era de alta de 8,8% e a equipe econômica crava expansão de 8,3%. E, segundo o IBGE, "ainda foi insuficiente para recuperar as perdas durante a pandemia de covid-19". Os destaques foram a indústria (com alta de 14,8%), o consumo das famílias (7,6%) e os investimentos (11%).

Na comparação com o mesmo trimestre de 2019, todos os indicadores continuam no campo negativo e o PIB registra queda de 3,9%. Segundo o IBGE, a economia ainda está 4,1% abaixo do patamar do último trimestre de 2019. E as estimativas de analistas indicam que a recuperação do nível pré-crise só ocorrerá no fim de 2021 ou no início de 2022.

Negacionismo

As projeções do mercado para o quarto trimestre são de desaceleração, com o PIB crescendo de 1% e 2% para a maioria dos analistas. Esse cenário mostra que o país ainda não está se recuperando "em V" como o ministro da Economia, Paulo Guedes, vem afirmando. Ontem, apesar de admitir que o resultado ficou abaixo do esperado, ele negou qualquer frustração, e subiu o tom em relação aos críticos. "Só os negacionistas refutam a evidência empírica de que a economia voltou em V. Quem tem familiaridade com números e dados entende que voltou em V", afirmou o ministro, ao comentar o resultado do PIB durante o Encontro Nacional da Indústria da Construção (Enic).

A afirmação de Guedes provocou reações. "O resultado mostrou recuperação da economia brasileira, mas além do esperado e do suficiente para se considerar uma volta em V", disse Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. Ele estava entre os mais otimistas, esperando alta de 9,2% no PIB do terceiro trimestre.

A economista Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria, também não vê uma retomada forte como um todo — apenas em alguns setores, como indústria e consumo, que voltaram ao nível pré-crise. "O resultado do terceiro trimestre foi bom, mas não dá para afirmar que a economia está se recuperando em V. O setor de serviços, que tem um peso importante na economia de quase 70%, por exemplo, deve demorar para voltar aos patamares pré-crise. Não é uma questão de negacionismo. Quem faz uma análise minimamente decente dos dados agregados vê que alguns segmentos ainda não voltaram e isso deve ocorrer gradualmente", explicou.

A Tendências revisou de 5,6% para 4,5% a previsão de queda do PIB deste ano. Pelas estimativas da consultoria, a volta do PIB para o patamar de 2019 só deverá ocorrer no início de 2022. "E, mesmo assim, ainda vamos voltar para um cenário ruim, porque o PIB, naquele ano, não tinha se recuperado da recessão de 2015 e 2016", lamentou Alessandra.

A economista Silvia Matos, coordenadora do Boletim Macro do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), estima que o processo de retomada será lento, levando

mais de uma década para a economia brasileira para voltar aos níveis de 2013. "O PIB cresceu forte, mas ainda há um longo caminho para ser recuperado. A economia vinha crescendo muito pouco devido a limitações estruturais que ainda precisam ser corrigidas", destacou. "Vamos voltar a um patamar que não era bom", frisou. Pelas estimativas do Ibre, o PIB per capita encolheu a uma taxa média de 0,7%, entre 2011 e 2020.

Ranking

O PIB brasileiro ainda cresceu menos do que a média global no terceiro trimestre, de 8,4%, conforme dados da Austin Rating. O país ficou na 25ª colocação entre 51 países que divulgaram o resultado trimestral. A taxa do Brasil ainda foi menor do que os 12,1% de avanço do México, que adotou um pacote fiscal bem menor do que o brasileiro.

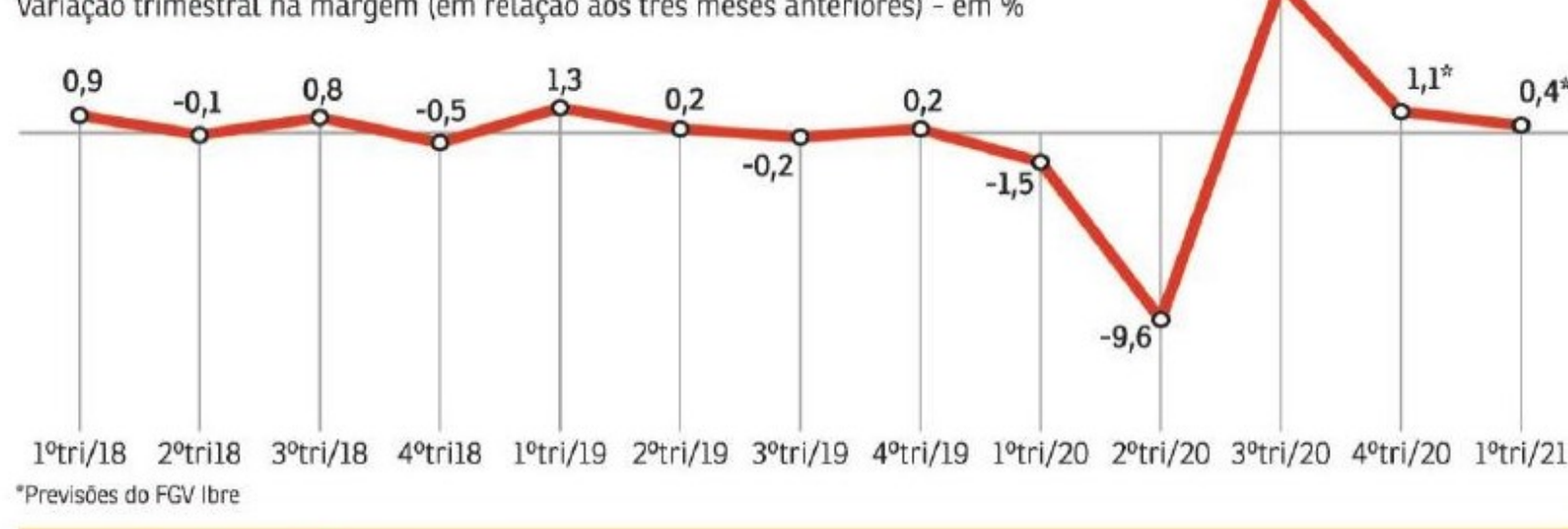
O economista-chefe da Austin, Alex Agostini, disse que medidas como o auxílio emergencial ajudaram a segurar o PIB, destacou que o desequilíbrio das contas públicas é uma trava para o crescimento e um risco para a continuidade da retomada no próximo ano.

Para analistas, o ritmo da economia, em 2021, é incerto. "Vai depender muito da vacinação e se ela vai começar efetivamente no primeiro trimestre. Sem ela, dificilmente haverá uma recuperação no setor de serviços, que tem um peso importante na economia e no mercado de trabalho", destacou o economista João Leal, da Rio Bravo Investimentos.

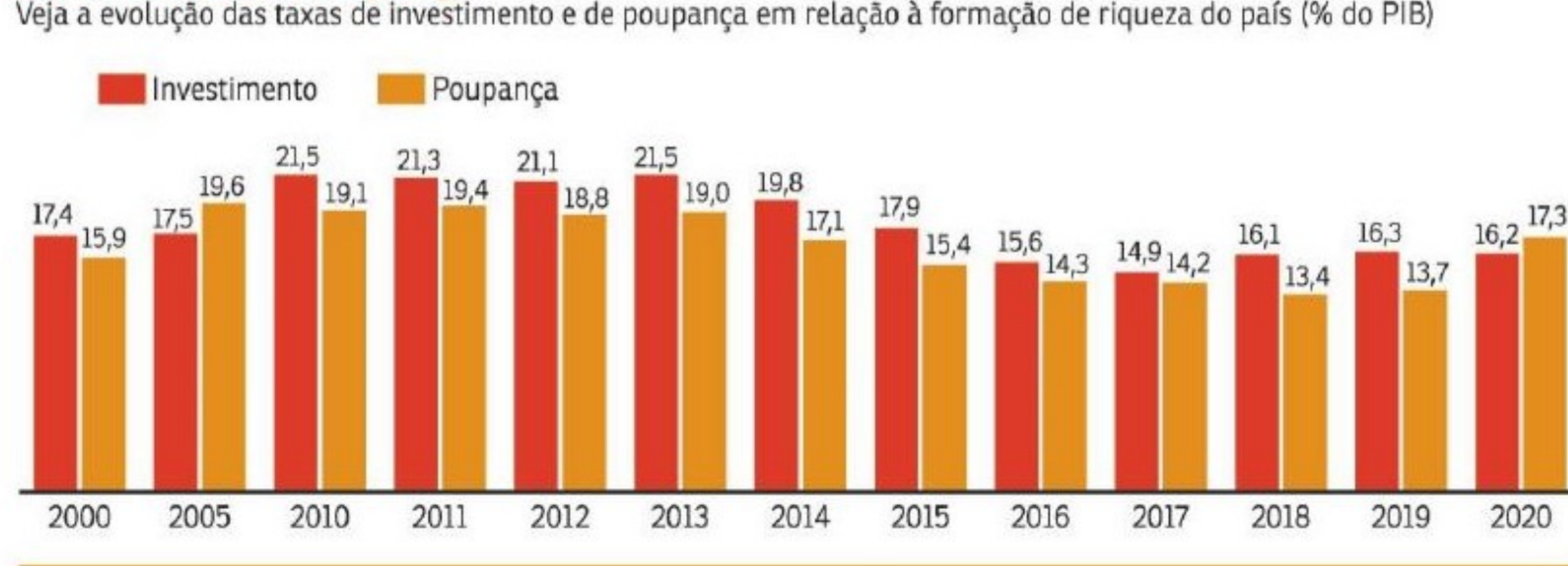
Solução

O Produto Interno Bruto (PIB) veio forte no terceiro trimestre de 2020, mas abaixo das previsões do mercado e do governo. Retomada será mais lenta e ritmo ainda vai depender da vacinação da população, avisam analistas

Evolução do PIB



Investimento x Poupança



Principais dados do PIB (em%)

Indicadores	Variação em relação ao 2º tri	Variação em relação ao 3º tri/20
Agropecuária	-0,5	0,4
Indústria	14,8	-0,9
Serviços	6,3	-4,8
Consumo das famílias	7,6	-6,0
Consumo do governo	3,5	-5,3
Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)	11,0	-7,8
Exportações	-2,1	-1,1
Importações	-9,6	-25,0
PIB	7,7	-3,9

Desempenho intermediário

Crescimento do PIB brasileiro no 3º trimestre ficou abaixo da média global, mas acima da média dos países do Brics, segundo listagem elaborada pela Austin Rating



Obs.: Listagem contém 51 países que divulgaram os dados na variação do 3º trimestre em relação ao 2º trimestre, mas inclui 60 nações que divulgaram resultados do PIB

Produção da indústria avança 14,8%

» SIMONE KAFRUNI

A indústria da transformação teve um crescimento de 23,7% no terceiro trimestre ante o segundo trimestre, maior alta entre os setores pela ótica da produção. O desempenho do segmento puxou o setor industrial como um todo, que registrou elevação de 14,8% na mesma comparação. A expectativa é que a indústria continue a recuperação no quarto trimestre, com a produção de novembro acima dos níveis pré-pandemia. No entanto, segundo especialistas, o PIB industrial ainda deve fechar negativo em 2020.

O desempenho do setor foi um dos destaques positivos dos números do PIB divulgados on-

tem pelo IBGE. Também chamou a atenção a alta de 11% nos investimentos. Todavia, esse crescimento ainda não é suficiente, segundo analistas, para desencadear um processo de recuperação econômica sustentável.

De acordo com o economista-chefe da Messer Investimentos, Gustavo Bertotti, "o crescimento do setor industrial foi motivado pela maior flexibilização das medidas restritivas" tomadas durante a pandemia. Na comparação com o terceiro trimestre de 2019, a indústria teve queda de 0,9%.

Segundo Marcelo Azevedo, gerente de Análise Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), assim como foi o setor que mais cresceu no tercei-

ro trimestre, a indústria da transformação foi a que mais caiu no segundo trimestre. "Teve recuperação, e foi rápida. As medidas foram importantes para as empresas não demitirem e isso foi fundamental para a retomada", explicou. "A indústria está operando acima do registrado antes da pandemia. Isso é uma combinação da demanda mais elevada, por conta do auxílio emergencial, e da necessidade de recompor estoques", assinalou.

A expectativa é de que a recuperação continue em alta no quarto trimestre. A CNI esperava fechar o ano com queda de 4,1% no setor industrial. "Nós vamos revisar este número para cima, mas ainda vai ficar no campo ne-

gativo", avaliou Azevedo. Outubro foi um mês bom, novembro também, acrescentou. "Dezembro, que costuma ser mais fraco, deve ficar acima das médias históricas. Esse ano será atípico por conta da necessidade de recuperar estoques", justificou.

Investimentos

Já o crescimento dos investimentos mal recuperou o tombo do indicador no auge da crise provocada pela pandemia do novo coronavírus. No segundo trimestre do ano, o recuo na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que representa os investimentos produtivos, tinha sido de 16,5%.

Segundo os especialistas, mesmo que continue em alta, a FBCF não será a alavanca da recuperação econômica do país, porque a taxa em relação ao PIB ainda é muito baixa, de 16,2% no terceiro trimestre deste ano, quando o ideal seria algo em torno de 24% do PIB. O índice ainda recuou um pouco diante do terceiro trimestre de 2019, quando estava em 16,3%.

Vitor Vidal, economista da XP, explicou que 85% da FBCF são capital privado, dividido em bens de capital e construção civil. "A construção pode ser um vetor positivo, ainda que esteja em terreno negativo no ano, porque o cenário de juros baixos fomenta o mercado imobiliário", disse.

A indústria está operando acima do registrado antes da pandemia. Isso é uma combinação da demanda mais elevada e da necessidade de recompor estoques"

Marcelo Azevedo, gerente de Análise Econômica da CNI